



PARA ALÉM DAS LIVES

entrevista DJ Black Josie

Olá Ouvinte, este é o sétimo episódio do **PARA ALÉM DAS LIVES**. Eu sou **Frederico Pessoa** e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Neste episódio, a conversa é com a **Luciana Gomes**, também conhecida como **DJ Black Josie**, cravista, cantora, arranjadora, professora, produtora musical, compositora e DJ, com uma longa história na música, desde a Camerata Lusitana, tocando cravo, cantando, escrevendo arranjos, até seus sets na noite de Belo Horizonte, que colocam até os mais resistentes para dançar. Luciana falou sobre o seu interesse pela tecnologia e do papel central que a rede tem em sua profissão, bem como sobre a importância das questões raciais e do trânsito por diferentes territórios da cidade na construção de sua trajetória musical.

PARA ALÉM DAS LIVES: música e tecnologia pós-pandemia.

Frederico: Agora vamos, né? A minha conversa sobre esse projeto que se chama Para Além das Lives... Bom, eu sei um pouco da sua trajetória... Quando eu te procurei pela primeira vez, eu sabia mais a sua história como DJ, um pouco da produção musical, mas não sabia da sua história anterior, que é uma história incrível assim, né? Aí sem querer ficar rasgando seda (risos), é legal esse trajeto seu! Acho incrível o jeito que você lida com esses campos que, às vezes, são tidos como tão opostos. E você lida como campos que estão em diálogo. Acho muito legal.

Luciana: Estão no campo da música, né? O que me conduz, o que me move é o interesse em conseguir seguir vivendo de música. Sem ter que arrumar emprego formal ou alguma coisa parecida, porque eu não funciono muito tempo mesmo [nisso]. Então, a longo prazo, mesmo com todos os percalços, é onde melhor me encaixo. Não é o

que pagaria minhas contas de um jeito melhor, mas é onde eu não adoeço! (risos). Mesmo bebendo! (risos)

Frederico: Importantíssimo! (risos) Ótimo! Bom, eu queria que você se você pudesse... Eu queria que você falasse assim rapidamente disso, desse trajeto seu musical. Como que você entrou na música. Eu sei que às vezes é difícil fazer isso sinteticamente, né? Mas só para ter uma ideia mesmo.

Luciana: Olha só, eu comecei na música estudando piano, fazendo aula particular, super por acaso. A minha mãe tinha salão de beleza e ela tinha uma cliente que era Léa Delba, que inclusive era dramaturga, atriz da rádio Tupi, do período das telenovelas, das radionovelas. Aqui em Belo Horizonte, ela era uma das figuras mais atuantes, que é a Dona Elvira. E aí a Dona Elvira era cliente da minha mãe no salão de beleza e propôs para minha mãe trocar serviços. Ela falou: “Ah, vê se sua filha quer estudar piano, porque ela fica tanto tempo ouvindo música”. E isso eu já trazia comigo, já levava comigo à passeio: eu ganhei aqueles Walkmans da Sony. Inclusive, eu tenho um problema de audição por causa disso: eu dormia com ele ligado. Minha audição, ela não é 100%! E é por causa disso.

Então, Dona Elvira reparou isso, né? Ela falou: “olha, sua filha tem inclinação musical. Você não quer trocar? Eu venho, frequento o salão, e ela vai e faz aula lá de piano comigo e estuda no meu piano”. E a minha mãe topou. Me perguntou se eu queria e falei: “nossa! Quero demais!” Eu já tocava violão por minha conta. Violão é normalmente um instrumento que quase todo mundo tem em casa, do tio, uma coisa assim... Então, eu tocava um pouquinho, mas eu nunca tinha pensado num aspecto formal da música. Aí a Dona Elvira, a Léa Delba, me abriu esse caminho. Então, o meu primeiro instrumento musical foi o piano.

E eu fiz o Conservatório, quando o curso técnico da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) ainda era no Conservatório. A Dona Elvira me indicou, falou assim: “olha”... Ela meio que “tutoriou” (sic) a minha condução musical. Ela falou: “olha, você tá começando a estudar piano agora... Para fazer prova no Conservatório você já tem que estar um pouco iniciada. Vamos dar um upgrade” e tals... Fiz um intensivão, passei no Conservatório, fiz o curso de percepção musical. E dentro do Conservatório - uma escola é uma escola, né? - eu descobri o canto, eu descobri o cravo, que é meu instrumento de paixão, e abandonei o piano! (risos) Porque eu me apaixonei pela música Barroca! Aí é que a gente chega na Camerata Lusitana, que é o grupo que eu fundei em, não sei, 2001. Isso aí eu teria que resgatar mesmo, mas eu sei que o meu primeiro projeto grande com a Camerata foi em 2003. Porque aí, a Camerata Lusitana me fez pegar o [diploma de] relações públicas, em que eu tinha me formado... Porque, quando eu fiz o técnico no Conservatório em piano, quando você termina o de percepção, a prova de piano da UFMG era num nível muito alto... Uma pessoa que tivesse feito o piano... Eu também

não fiz piano até o fim, mas eu não passaria na prova. E aí eu me formei em Comunicação. Nem busquei meu diploma até hoje. Eu só coleei grau, se por acaso fosse necessário... Então eu já tinha certeza que a questão era musical.

Paralelo a isso, tem um cara que também foi importante na minha iniciação musical que é o maestro Serrinha. Que era um cara que tinha uma orquestra aqui em Belo Horizonte, da época das grandes orquestras. Tocava no SESC da Tupinambás, ele fazia turnês nos Estados Unidos e tal. E quando eu comecei a estudar piano, ele viu que eu tava tocando e ele virou para minha mãe e perguntou assim: “deixa eu te falar... Sua menina tá tocando bem. Você não quer deixar ela tocar comigo na orquestra?” E minha mãe falou: “vai! Você quer?” Eu falei: “quero! Eu vou ganhar dinheiro!” Claro, meu pai achou ruim. Na época ele era vivo, enfim. Mas fomos. Eu e a minha mãe demos um jeito, muitas vezes escondido. Então eu paguei a minha faculdade de Comunicação tocando com a orquestra do Serrinha.

Frederico: Que incrível!

Luciana: Então a Dona Elvira e o maestro Serrinha foram as minhas referências, essas pessoas que me estimularam... Um estimulou a trabalhar, porque eu já começou a entrar dinheiro. Eu não era nem maior [de idade]. Minha mãe tinha que me acompanhar. E a Dona Elvira me estimulou a ir tocando, né? Mas é uma coisa que... Eu já podia ter feito isso sem passar pela UFMG. Eu ... pela UEMG (Universidade Estadual de Minas Gerais), ou pelo Isabela (Instituto Metodista Isabela Hendrix) que também tinha, não sei se tem mais... [o curso de] Música...

Mas essa que é a trajetória: Dona Elvira, o Serrinha, eu entrei no Conservatório, mas eu já tocava. E eu tomei birra de casamento porque é um saco! Eu tenho até hoje! E também porque eu tinha o idealismo da coisa da música barroca. E aí, por causa da música barroca, e porque na faculdade se você cantasse no coral, você ganhava desconto na mensalidade, eu virei cantora. Mas eu nunca gostei de cantar. Mas eu era cantora ali... Porque eu sou muito tímida, embora não pareça. Eu sou muito tímida! Por isso que tem esse negócio de Josie/Luciana, que aí eu consigo lidar bem. Eu comecei a cantar para ganhar desconto na mensalidade.

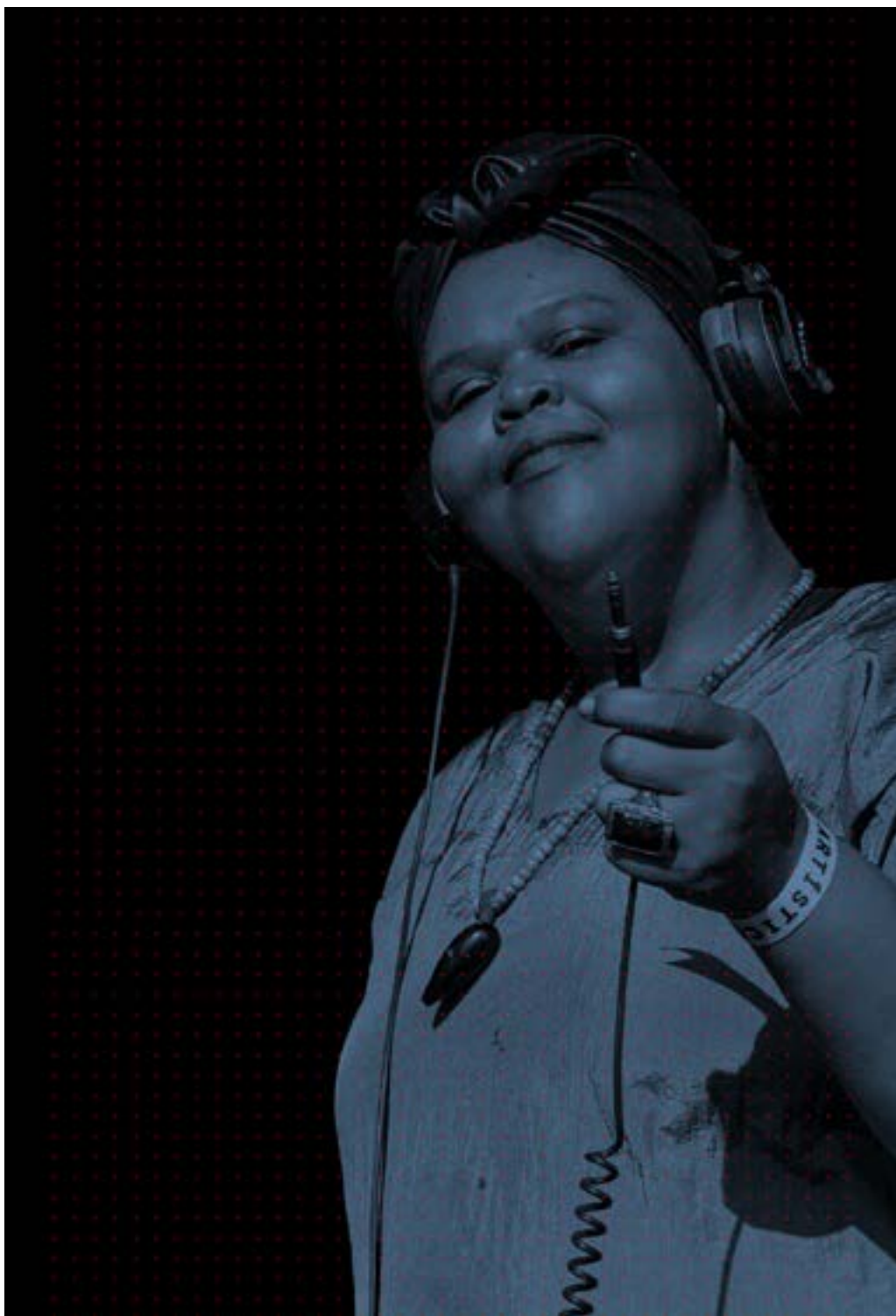
Frederico: Mas tem hora que é isso, né? Vai achando o caminho. Tem que inventar os caminhos! Muito legal.

Luciana: Vai puxando. E aí, quando eu terminei a faculdade falei: “Pronto, já tenho meu canudo. Agora vou fazer o que eu quero na música”. Aí você acha que eu queria ficar nos pagodes? Não! Queria tocar a música Barroca! Tipo assim, se música erudita não tem nada, você imagina música Barroca, entendeu? Para uma mulher preta que não tem diploma, porque eu nunca encarei fazer graduação

em música - outro engano. Por que eu não fiz? Porque não tinha cravo! Aí eu falo, a idealista! Mas ao mesmo tempo foi isso que me impulsionou a fazer a Camerata Lusitana.

Aí eu entrei no mercado e passei a diretora musical do grupo, cravista, afinadora de cravo, contralto - quando não tem dinheiro para contratar - a pessoa que vai no encontro de musicologia buscar a música que vai ser tocada com o musicólogo e pagar os outros para editar, e ainda inscrever o projeto na lei [de incentivo à cultura]! Isso aí é 10 anos da minha vida!

Quando eu chegava em São João para fazer concerto com a Camerata, a gente carregava cravo, porque não tinha dinheiro para pagar carregador. E a galera achava que eu era carregadora! Ninguém achava que eu era diretora do grupo! Aí eu trocava de rou-



pa, colocava a minha coisa. E eu adorava isso aí. Eu sempre sabia me posicionar, eu já ia de propósito. Se pudesse, eu ia vestida igual a mendiga de rua, que é para chocar mesmo! E as igrejas que a gente escolhia, eram sempre as igrejas mais ricas! Porque a gente levava os grupos de tradição oral. Então, por exemplo, na minha geração, quando eu pegava alguns compositores brasileiros, eles não eram respeitados... a obra deles... Eu falava assim: “vou fazer música brasileira”. Todo mundo toca Beethoven. Porque o Alemão fez isso com Beethoven. Então, quando o mundo erudito descobriu que José Maurício prestava, que não era “artinha”, eu já tinha feito José Maurício há muito tempo, entendeu? Então assim, se fosse hoje esse esquema de eu estar na Camerata Lusitana, onde você tem uma projeção maior, você tem uma sociedade que discute mais essa questão da visibilidade, dos privilégios... As coisas estão mais abertas. E como é música erudita, essa banca que eu gosto de montar sabe? Eu vou vestida de mendiga e depois eu entro e rejo o Coro, eu acho que eu ia me dar bem! Mas aí a Black Josie atravessou tudo. Não tem como voltar atrás, né?

Aí veio a questão da Música Popular. Quando que aconteceu isso? Entre 2000 ela começou (sic)... Embora o projeto grande tenha sido em 2003, 2004... Entre 2000 e 2010, eu gerei trabalho para essas pessoas. Mas aí, uma hora eu cansei, porque essa coisa da captação é o gargalo até hoje... A lei federal, agora nem se fala, nesses tempos de agora... Mas desde sempre... Ela sempre foi muito difícil de captar. [Produzir] música erudita é muito caro. O tempo que eu consegui sustentar isso, eu sustentei. Mas quando eu fiz tipo, sei lá, acho que 38 [anos]... Vamos colocar 40, eu falei: “não posso continuar”. Acho que foi antes, 35 [anos], sei lá... “eu não posso continuar vivendo assim”. Se tornou um peso, sabe?

E, ao mesmo tempo, a Black Josie começou a rolar sem eu fazer nada. A Black Josie foi um super interesse meu por tecnologia. E aí a coisa de DJ, equipamento, computador, música, estúdio... Eu nunca tive grana para ter tudo, mas eu sempre pesquisei muito para, quando tiver o “suadinho”, comprar a coisa certa. Então, veio a coisa da DJ e eu fui começando, começando, e eu não fiz nenhuma força para começar a trabalhar profissionalmente como DJ.

E aí começou a entrar grana. Eu pensei: “Ah, então é isso! Não vai ser tocar em casamento, não vai ser como pianista, não vai ser como uma pessoa da música antiga brasileira” - que aí nem é a questão da música Barroca, é uma pessoa da música antiga brasileira. Então é uma escolha. E tem uma questão muito importante, um componente, que eu tava até conversando com minha mãe outro dia. A camada social a qual eu pertencço, me possibilita isso. Esses altos e baixos da vida de músico, músico de cachê... Eu vivo de agenda. Isso tem altos e baixos. Se eu tivesse nascido na França. Como se diz, se eu fosse européia... Se tivesse nascido na França, você teria uma pensão para baixas temporadas. Eu pagaria uma, um tipo de INSS de “x” (euros) durante as altas temporadas, de acordo com a minha área, e eu teria uma pensão que me ajudaria pelo menos a comer

e comprar “o feijão” na baixa temporada. Isso te permite, na alta temporada, como você não tá devendo a..., né? Dá pra planejar, né? Isso no Brasil é utopia.

Então assim, eu nunca paguei aluguel. (risos) Eu nunca paguei aluguel, mas eu já fiquei sem grana em Belo Horizonte! E olha que eu tô falando para você assim, “juninho”, nunca ter pago aluguel, eu reconheço como um privilégio... No meio dos meus. Na minha geração, na minha família, é todo mundo concursado. Tipo, [era] porteiro e depois fez direito, e agora é assessor de juiz e tal. É de uma época que o concurso não era difícil assim. Mas não é para mim. Eu já sei que não é.

Quando a Camerata Lusitana me tornou produtora musical, e aí [tinha] essa coisa de ter que aprender a fazer projetos, eu falei: “então tá, vou aprender a fazer esse trem!” Eu sou praticamente fundadora da Lei Estadual de Incentivo [à Cultura]. (risos) Se o edital foi fundado no ano tal, no ano seguinte eu já tava lá! Olha, eu já entreguei projeto escrito à lápis na Prefeitura [de BH], tá bom? Na época em que a Prefeitura, a Lei Municipal [de Incentivo à Cultura] aceitava projeto escrito à lápis, eu não só já entreguei projetos escritos à lápis, como já ajudei muita gente que tava fazendo tudo errado: “bora lá”. Eu sou dessa época!

Já fiz isso com a Camerata. Se for para viver de projeto, eu vou viver de música erudita. Muito mais chique música erudita! Uma vez na minha vida que eu entrei num edital porque fui eu que escrevi [como DJ], foi durante a pandemia. O Itaú [Cultural] abriu o edital para... E abriu “podcasts” também como uma das modalidades, o que foi ótimo para DJs. Aí eu fiz um programa de rádio sobre três artistas de samba aqui da cidade, que são compositoras e tal: a Dona Elisa, a Manu Dias e a Gisele Couto. Todas estão “na ativa”. Dona Elisa é a nossa Clementina, daqui de Belo Horizonte. É uma artista... aquela galera que tem outro trabalho, mas que tem, tipo assim, 400 músicas compostas. Ela gravou o primeiro disco dela, há quatro, cinco anos atrás. E ela tá super na ativa, na Velha Guarda do Samba da cidade. Eu fiz um programa sobre elas, ganhei um prêmio de R\$ 2.500,00 e paguei R\$ 300,00 para cada uma. Porque era pandemia, ele tava... todos os artistas sabe? Então eu... Eu poderia ter ficado com o prêmio todo para mim, porque o prêmio era pela minha curadoria e pela montagem técnica do programa. Mas eu distribuí a grana, né? Um pouco assim também, enfim. Foi bom porque... já foi? Foi. Dinheiro vai e volta, né? Quando você não tem que pagar aluguel, dá para fazer isso. (risos)

Frederico: Mas é legal também. Uma atitude muito legal. Esse foi o único que você fez? Porque você já entrou numa questão aqui que tem a ver... Essa foi a única coisa que você na pandemia acessou de financiamento público? Na Aldir Blanc e tal, você não tentou nada não.

Luciana: Diretamente foi. Eu não faço projeto pra Black Josie. Se eu fizer, eu contrato alguém para fazer. Já contratei algumas vezes e todas foram fracassadas. Mas eu não vou sentar para fazer. Agora, indiretamente sim. Porque as pessoas escrevem os projetos e me convidam artisticamente, né? Aí sim. Mas não eu. Eu sou uma pessoa... Não é nem assim: eu tenho um projeto, mas eu sou empreendedor, eu coloco um produtor... Não! Eu sou ou a DJ, ou a preparador vocal, ou a tecladista, ou a produção musical... É isso! Aí sim, e salvou total!

Frederico: Isso rolou muito na pandemia?

Luciana: Rolou.

Frederico: A produção, todas essas outras áreas que você atua também?

Luciana: Eu executei uns quatro ou cinco Aldir Blanc que vão corresponder a... Eu sou professora do Arena. No Arena eu ganho um salário mínimo. Então, eu ganhei assim... A Aldir Blanc deve ter me dado, no ano... O Arena é R\$ 12.000,00 por ano, né? A Aldir Blanc me deu tipo, sei lá, o dobro disso. Indiretamente.

Frederico: Importante.

Luciana: É, não tem porque eu inscrever [projetos]. (risos)

Frederico: É ótimo.

Luciana: O que eu tenho que fazer é o seguinte: trabalhar o meu nome e a minha reputação, para que as pessoas que escrevem, para que as curadorias me vejam. Eu não vou fazer esse trabalho, entendeu? Então assim eu não tô... Eu abri mão já de muita coisa. Eu tô fazendo quase 50 anos. Eu não vou agora começar a fazer o que eu podia... Não vou! Senão... Melhor pular da janela! Não vou!! (risos)

Frederico: (risos) Mas, eu ia falar assim... Mas aí, eu acho que eu me escolhi muito certo e muito válida. Mas você falou que você tem que construir sua carreira e tal. E você usa... Aí aproveitando para dar o meu gancho aqui também, no meu papelzinho aqui. Você usa, né? (risos) Tem que dar os ganchos do papelzinho!

Você usa, ou usou, até pré-pandemia, e durante a pandemia, por agora eu não sei como é que você tá... Essa coisa de redes... As redes são importantes na sua vida artística?

Luciana: Importantíssimo. Hoje em dia uma pessoa que não me conhece, mas ouviu falar do meu trabalho, me chama no Instagram, me manda uma mensagem no Instagram. Ninguém procura alguém que me conhece e pede o meu WhatsApp, entendeu? Me

chama no Instagram. E outro dia eu fui fazer um trabalho com um músico que tem 23 anos, eu no alto dos meus 49... Eu tava com 48 ainda, porque foi antes de eu fazer aniversário. (risos) Aí, esse menino vira pra mim e fala assim: “você tem que ter Tik Tok” Eu falei: “Ah não, pelo amor de Deus!” (risos) Já pintou trilha sonora para eu fazer... depois que eu coloquei vídeo. Ele falou assim: “pega os exercícios que você tá fazendo e grava”. Eu falei: “Ah não, mas botar som direto...” Ele: “Que mané som direto menina! Pega o celular lá e grava lá você fazendo as “trem”! Faz, posta e depois você me conta”. Pô, e já rolou. E não é gente que não me conhece. É gente que me conhece, conhece a minha reputação, por exemplo, como DJ. Às vezes, conhece essa história minha do passado, mas não sabia que eu faço tilha, sacou? Então a rede para mim é o meu caderninho que eu entreguei para o cara que eu não devia ter entregado, sacou?

Porque é isso. Porque como é que era o caderninho? O caderninho é o seguinte: Você. É seu aniversário. Aí você me contratou para tocar. Sabe aqueles órgãos de churrascaria, órgão eletrônico com hit? Era aquilo. Também, né? Tem nem como! Não me satisfaz artisticamente. Não dá! Tinha que ficar milionária para viver assim, né? Enfim, tem que ser muito dinheiro. Então você vai ter seu aniversário, você comemora e aí seu primo vai casar. Só que não é semana que vem não. É dois anos depois. Você vai lembrar: “Pô, chama aquela menina que tocou, você se lembra?” O que eu tinha era isso. A rede é fundamental pra mim. Eu descobri que eu pratico essa coisa de rede há muito tempo sem saber o que é exatamente.

Frederico: Ótimo. Acho que é um ponto, né? Então você usou muito antes da pandemia e durante também, com certeza. Eu vi coisas, acompanhei o seu Instagram. publicações tal de todos os tipos, né? Produções, DJ, investigações...

Luciana: Isso. Colocar de DJ foi o menino que me falou: “bota no Instagram, ninguém vê... 20 pessoas. Bota no Tik Tok e coloca no Instagram depois do Tik Tok”. É aí onde a comunicação está, né?

Frederico: É isso também, né? É uma rede que está forte...

Luciana: O Tik Tok, o algoritmo dele é o contrário do Instagram. O Tik Tok, ele vai mostrar o seu vídeo para quem não te segue e você não precisa patrocinar. Ele vai te fazer bombar por outro algoritmo. Então, assim... Eles são geniais nesse ponto, para conseguir quebrar a galera do Instagram no sentido que: se você for para o Instagram, mas o vídeo tendo saído lá do Tik Tok, alguém conta pro Tik Tok, ele fica sabendo e o seu vídeo, tanto no Tik Tok quanto no Instagram, vai ser mais visto. o Instagram tem o seu próprio Tik Tok, que é o Reels. Mas não rola....

Frederico: Não funciona do mesmo jeito né?

Luciana: Não, não. É Tik Tok, é a galera asiática, é k-pop, é outro povo, sacou? É outra lógica. Não que não seja capitalista e tal: se alguém ganha, alguém vai perder! Mas azar...

Frederico: Mas é isso mesmo. E assim, acho que tem que usar a seu favor, já que a rede está aí, ela existe, né? A gente vai tentar achar a forma de fazer aquilo funcionar. Já que a gente vai ser de alguma forma, como que... Eu ia falar uma coisa, mas esqueci a palavra... Sugado pelo troço, né? Pelo menos você consegue fazer ele (sic) funcionar a seu favor. Acho que isso é importantíssimo.

Luciana: Eu fiz um trabalho corporativo para a Ana Capri, uma marca. O produtor me acionou pelo Instagram. Tudo bem que eu fui indicada, mas teve mais DJs que foram indicados. O que ela fez? Ele foi visitar meu Instagram. E aí ele me chamou. Um outro evento que me chamaram pelo Insta, por exemplo, esse negócio da trilha que eu tô te falando.... Uma pessoa, uma artista, uma atriz, que a gente já se conhece há anos e ela sabe que eu sou DJ, adora meu som, sabe que eu toco piano, mas ela nunca tinha pensado... Não é nem que ela, assim, tem preconceito da minha visibilidade... Não, não é isso não. Ela sabe que eu sou uma artista legal. Ela já me conhece, ela nunca pensou que eu fizesse trilha. Eu faço trilha para teatro há mais de 10 anos. Eu nunca divulguei isso, entende?

Então, como é que eu posso fazer isso? O Tik Tok! Viva o menino de 23 anos, Brandu! (risos)

Frederico: Mas achei legal isso. Até esse diálogo que você tem. Porque isso também é um empecilho para muita gente. Esse diálogo com as tecnologias de comunicação, não é? Eu não sou... Acho que é isso. Tem uma função no troço.

Luciana: Mas eu fiz R.P. (Relações Públicas), né? Quando a Dona Elvira falou: "faz alguma coisa", eu fui fazer Comunicação.

Frederico: Ah... É outra percepção...

Luciana: Eu gosto.

Frederico: Porque tem gente que trava demais com isso... Não gosta...

Luciana: Tem. Trava... E a minha geração, né? Eu não sei qual é a sua idade...

Frederico: Eu tenho 52.

Luciana: Eu tenho 49. Então a gente é da mesma geração. Você jogou telejogo, né? (risos) Você viu TV analógica, né?

Frederico: Joguei. (risos)

Luciana: Então a gente viu o mundo se tornar digital. A nossa geração não tem essa simpatia pela tecnologia. Não tem.

Frederico: Complexo.

Luciana: Não tem. Ainda mais mulher. Nesse caso, eu sou, tipo assim raridade da raridade da raridade. Hoje não, hoje as meninas estão com pé na porta. Mas o que acontece: dependendo do território que você tá, as referências. Por exemplo, a Dona Elvira já é de uma família mais solidificada e tal. Ela teve a trajetória dela também, mas é uma galera de pele... Branco no Brasil é difícil falar né? É uma galera de pele não-negra e de tradição... Gente que tem herança e tal. Não que isso diminua o mérito dela, porque ela batalhou a grana que ela ganhou, né? Isso não! Mas a Dona Elvira morava na rua Montes Claros, ela não mora aqui na Avenida Petrolina. Como é que ela ia frequentar o salão da minha mãe. Na Petrolina tem um salão aqui do lado. Cadê a Dona Elvira pra falar pra filha da cabeleireira: “Ô menina, vamos estudar música, porque você fica ouvindo música o dia inteiro. Vamos fazer algum trem com isso. Vê, já te deixou meio surda, né? Então agora vamos fazer uma coisa boa. Pára de dormir com fone de ouvido, vai estudar música que vai ser bom pra você”, entendeu?

Então, esses atravessamentos sociais, eles influenciam até nisso. Então, isso é muito importante. Mesmo como uma mulher negra, eu reconheço meu privilégio da questão do... Eu sei o que é ficar sem agenda, mas eu não sei o que é passar fome. Eu sei o que é cortar a luz, porque já cortaram minha luz quando eu tava dando aula de teclado! (risos) Já aconteceu! Isso eu sei. Mas, a minha mãe trabalhou muito para que isso não acontecesse, entendeu? Então, eu reconheço isso como um privilégio. Se não fosse isso, provavelmente eu não seria... Sorte... Igual a muitos DJs, agora pós-pandemia, por exemplo. Eu não vou citar nomes, mas tem uma DJ na cidade que estava com uma trajetória linda e voltou para o mercado. Tá trabalhando numa empresa de engenharia. Então, eu reconheço esse privilégio. Isso é muito, muito importante. E essa questão de que, enquanto a minha mãe tinha salão de beleza, todas essas referências... O Serrinha! O Serrinha era vizinho da minha mãe.

Frederico: Ah! Vai juntando também, né?

Luciana: O Serrinha não mora no Horto! Serrinha mora na Montes Claros! Não dá para você falar dessa história sem fazer o recorte racial, o recorte territorial, o recorte social.

Frederico: Isso é muito legal.

Luciana: Ó, eu vou te falar: eu não virei uma burguesa com grana por causa disso, entendeu? Por causa das escolhas que eu fiz.

Frederico: Deixa eu perguntar... Porque você falou disso, quer dizer, então acabou que surgiu muito trabalho em várias áreas. Até porque você já atua em muitas frentes e tal. Isso eu tenho visto que é uma coisa que rola, que rolou, né? As pessoas que estavam com redes já na música. Deixa eu perguntar só uma coisa. Você usou... Porque eu sei que teve essa coisa muito de apresentação de DJs, de várias coisas também... Você faz parte daquele grupo de DJs também?

Luciana: O DJs Disco Club?

Frederico: É. Você teve nesse período alguma coisa de monetização específica? Porque você teve remuneração pelo seu trabalho, direto através de um monte de frentes e tal. Mas e monetização via internet?

Luciana: Não. Mas eu conheço gente que teve e posso te indicar.

Frederico: Ah... Ótimo. Depois vou anotar.

Luciana: Conheço um DJ que tá bombando: O DJ Bill! Ele tá arrasando. Eu vou te passar o Zap dele aqui, agora.

Frederico: Ah, maravilha! Você manda para mim?

Luciana: Mando aqui, agora o Zap.

Frederico: Beleza.

Luciana: Agora, eu monetizei da seguinte forma: no mercado de DJs, no mundo inteiro... Mas aí Belo Horizonte, aquela jabuticaba, Sucupira ou Texas, como você preferir. (risos) Você conhece a música “BH é o Texas”?

Frederico: Não! Já ouvi alguém falando disso! (risos)

Luciana: Tem que conhecer! “BH é o Texas, Neves e Betim”... Então eu vou te mandar também. Tem que anotar agora... Tem que anotar... Duas coisas, tem que anotar. Espera aí. Tem no mundo inteiro, inclusive até no Texas, uma separação entre os DJs que trabalham com vinil e os que não trabalham. Mas como o público, principalmente no Brasil, é leigo, eles não sabem que o DJ que trabalha com vinil e computador é a mesma coisa que DJ que trabalha com controladora, né?

Frederico: É... Serato...

Luciana: Serato... Eles não são como o DJ “A Coisa”! Coisa é analógico. Coisa é telejogo! (risos) É um outro esquema. E o que que

acontece? Eu sacando isso - a comunicação me deu um pouco disso, né? - eu saquei que o cachê é mais alto para os DJs que tocam com vinil, principalmente nas Lives. Você sabe o que eu fiz? Comprei...

Eu tinha um toca-discos já e eu tenho uma coleção de discos, mas eu não tenho uma MK! Aí o Coisa falou assim... Não, o Coisa deve ter, assim, umas 15, né? Isso porque ele vendeu 30! Que ele tinha, entendeu? Ele virou para mim e falou assim: "você tá pegando uma MK modelo tal minha. Ou seja, todo ano ela passou por revisão. Você tem R\$ 1.500,00 hoje?". Eu falei: "caiu na minha conta hoje!" Eu passo para ele agora! Beleza. Fui pagando a resto para ele, que eu nem vi. Eu acabei de pagar em dezembro do ano passado. Acho que era R\$ 2.700,00. Eu paguei para ele R\$ 1.500,00 e ele tá com as portas dele lá todo feliz no estúdio dele. E eu fui pagando, tipo assim: Coisa, 100 conto, pá. Coisa, 100 conto... Eu nem vi. Mas é uma! Uma MK dourada! E a outra que eu tenho é prateada. Nós estamos falando de ostentação! Não dá para fazer Live!

Aí, o que eu fiz? Veio um outro DJ, que é o português que mora no Brasil, o Montana. Montana me aparece com um par de Stanton que é prateado, alinhado, lindo, pesadão igual MK e na internet ninguém vai ver que não é MK! Eu falei assim: "Montana, o negócio é o seguinte. Eu tô com uma MK customizada aqui. Vamos fazer um rolo? Como é que chama mesmo? Escambo! Vamos fazer um escambo?" Ele falou: "vamos".

Por exemplo, os eventos fechados, às vezes aniversário... Eu não estou em agência, mas às vezes, as pessoas que vão fazer os eventos que estão fora da caixinha, que não contratam agência, que eles mesmo fazem a produção dos seus eventos, rola muito para mim. Então, [é um] upgrade que eu tenho. Às vezes, quando eu vou tocar num casamento, eu levo um vinil. Às vezes, o botequinho do meu amigo, eu vou e levo parte em vinil. Quando tem um evento massa, eu dou "carão", contrato um roadie para chegar com vinil. Ele é a minha parte de ostentação! Já se pagou, entendeu? E é isso. Só o Coisa mesmo me ajudando para poder fazer essa história.

Frederico: E uma outra pergunta, que eu acho que no caso DJ, nesse caso, e também em outros trabalhos que você mencionou que você faz, e ficou fazendo também nesse período, não entra tanto esse pessoal da técnica, né? Assim, você se vê envolvida diretamente com gente da técnica? Você falou do roadie e eu pensei nisso aqui. Porque isso também aparece pra gente aqui. Você teve trabalho em que foi necessária a presença de gente da técnica? Que você diretamente precisou, você remunerou, que você contratou, por exemplo?

Luciana: Quando eu tenho... Por exemplo, a Ana Capri... Vou te contar um fato que aconteceu. Eu dei pra ele o valor do meu cachê e ele falou: "Nó, num dá pra ser tanto?". Eu falei: "dá, mas eu vou chegar tal hora". Aí chegou tal hora. Era para eu chegar tipo, o evento

começava às 6:00 e eu falei com ele assim: “5:30 eu tô aí”. Aí deu 5:20, ele começou a me ligar, claro! (risos) Eu não estava lá, mas já era 5:30? Não! Ele tava lidando com uma profissional, mas ele ficou com medo. O Uber já tava reservado, reservadíssimo, no dia que ele fechou comigo, sabe? Já tava tudo certo! Aí, eu já sabia o horário que eu ia chegar. Falava com ele: “vou chegar aí daqui a 7 minutos. (risos) Vou chegar aí às 5:27. Pode me esperar que eu vou estar aí”. Ele: “não, mas você não ia chegar 4:30?”. Eu falei: “não. Falei com você que eu não conseguiria chegar que eu tenho aula”. Eu dou aula no Arena, né? “Tava lá no Vera Cruz, meu filho! Com a meninada lá... Sem chance de eu não ir lá. Eu tenho que ir lá. O que eu vou fazer é sair de lá uma hora mais cedo para poder chegar. Então, assim, eu cedo um pouquinho e você cede também. Vou chegar às 5:30. O seu evento começa às 6 horas. Eu monto em 10 minutos. Você deixa o técnico lá com o cabo na mão para mim, e em 10 minutos eu tô pronta”. Beleza. “Ah, você não consegue chegar mais cedo?” Ele falou. Eu: “Olha, você lembra do orçamento que eu te passei? Tem roadie nele. Eu entendo que você pediu para fazer um desconto. Mas o meu orçamento cheio, ele inclui um roadie, que se você quisesse, ele montava para você até um dia antes. Isso aí... Para você entende? Então, assim, essa coisa da técnica, eu preciso, é necessário. Adoro dar carão com roadie.

Eu fui fazer aquele programa, o Rolê das Gerais. Aí não foi por causa de carão não, porque ninguém ganha cachê. Cachê para dar entrevista na Globo nem a Gal Costa! Esse é porque eu tava em pânico com a pandemia. Eu fiquei... Eu sou toda das continhas. Eu falei: “reportagem de TV... Eu já fiz várias com a Camerata. Várias com a Globo com a Camerata. Demora para caralho! Num lugar fechado... Eu não vou ficar três horas num lugar fechado. Eu vou entrar na hora que for minha vez”. Mandei o roadie. Aí eu paguei da minha grana. Então acaba que isso te dá um ar super profissional, “carão”. Porque chegaram todos os artistas lá, todo mundo né? Cadê a Black Josie, não vai vir não?” “Olha, o roadie dela tá ali”. Então é isso. Eu tenho... Eu tô sempre procurando a questão da técnica. E hoje, no Arena, eu dou aula disso. Esse é o meu assunto: produção musical em todas as suas frentes, todas as suas vertentes.

Então, por exemplo, a captação. Eu falo para os meninos: o home studio ideal não é um home studio que tem um microfone foda de estúdio se você não tem isolamento nele... A Bituca não me aceitou... Sacou? Esse conhecimento, eu tenho ele por conta de uma trajetória minha, sozinha. Sendo que eu procurei uma escola pública para eu ter esse acesso e não tive. Eu acho isso gravíssimo! Porque hoje eu sou professora do Arena, e no Arena, ele conta igual atendimento do SUS. Você entra na aula do Arena e na hora que a gente dá o relatório do número de pessoas... A pessoa pode ir na aula, ela pode ficar, ela pode não ficar... E, ao mesmo tempo, se chegar um cara lá tá gravando um disco, eu tenho que conseguir atender ele. Eu tenho que conseguir atender essa pessoa. Isso é o Arena da Cultura. É o

PPP, o plano político pedagógico. A gente tem treinamento para agir assim.

Frederico: Eu gosto também... Uma coisa assim... Eu acho muito legal isso que eu percebo: a sua atitude, né? Eu acho ela muito boa. Isso de construir o seu próprio espaço. De sempre estar afirmando esses lugares.

Luciana: A gente tem esse romantismo, né? Empreendedora. Mas a minha avó era empreendedora, minha mãe é empreendedora, meu pai. Ninguém tem estudo e todo mundo se virou, entendeu? Trabalhando mesmo, assim. É muito bonito e tal, mas se tivessem estudado, fudas do jeito que eles são, eles teriam muito mais! Mas aí é Brasil! Então essa coisa de correr atrás, aí é de família. Qualquer pessoa de etnia negra hoje, que você for falar, que esteja com a questão da consciência negra em dia, ela não vai conversar com você sem falar do território. Não tem jeito. Não tem jeito tá? Isso é uma coisa. Outra coisa é que todo mundo vai racializar, porque a gente é racializado o tempo todo. E muito. Então, a gente precisa que as pessoas que não têm a pele tão negra como a nossa, que elas entendam que a gente racializar não é racismo. É porque no nosso cotidiano, em tudo, é racializado. A gente precisa. É, tipo assim, um despertar! Então, o tempo todo precisa racializar. Então: território, racializar e o privilégio. Mesmo diante disso tudo, eu não sou uma negra favelada.

Frederico: Sim, sim.

Luciana: Entende? Não teria problema se eu fosse, mas já que a gente está falando de trajetórias, eu nasci... Eu sou classe média, baixa. A minha família é da região Leste. Aqui é a minha mãe e meu pai. Minha mãe foi morar na Zona Sul porque a minha avó morava na zona sul. Mas assim, em Belo Horizonte era tudo roça. Era tudo lote. Minha avó foi uma das últimas a pagar aluguel... Aqueles prédios que tem na Rua Pium-i... A casa que a minha avó morava foi uma das últimas. Foi só quando o velho morreu, o dono da casa, porque ela pagava aluguel para ele, em dinheiro, entende? Não tinha negócio de imobiliária. Não tinha isso. Era um outro tipo de relação. E uma relação até do povo para o povo. Tudo bem que ele era um cara de privilégios, que tinha imóvel ali naquela região. Não era uma pessoa pobre, mas ele alugou para uma velha preta com filhos... E que dava pensão... E que alugava, que tirava do dinheiro dela, que criou todo mundo e hoje todo mundo aí, encarando a sua vida, entende? Então era um outro bairro. Quando esse bairro foi virando prédios, prédios, prédios, a minha avó saiu e foi para Venda Nova. E eu e minha mãe voltamos para a casa onde ela tinha morado com meu pai e que hoje é dela por direito. Eu não posso... Pelos meus colegas que não têm a mesma situação

que eu, eu não posso esquecer, entendeu? Sempre me atravessa, sempre. Eu tenho certeza de que eu sou artista porque eu nunca paguei aluguel! (risos)

Frederico: Faz toda a diferença na vida! (risos)

Luciana: Muita!

Frederico: E você já está tocando direto ao vivo, assim, presencialmente e tal? Já tá normal?

Luciana: Saindo da toca agora. Eu planejei durante a pandemia um upgrade na carreira, né? Eu faço consultoria de gestão de carreira e tal. Informal, mas é muito valiosa. Porque eu converso com uma pessoa que trabalhou com muitas pessoas bacanas, grandes. E eu saí do circuito de bares. Eu também só posso fazer isso porque eu não pago aluguel! Mas já estou colhendo frutos... Rápido.

Veio um convite de um lugar que eu jamais imaginaria que pudesse vir, que é o Autêntica. E foi um convite já para residência. o que é ótimo. Eu cheguei lá e falei, mandei o cachê lá no céu! Ele falou assim: “não, pera aí”. Porque, se você tá conversando com alguém que sabe negociar... Eu sou filho de comerciante, filha e neta... A pessoa vai entender qual é a sua, entendeu? Porque foi ele que me ligou. Então eu dei um cachê que ele não tava esperando. Ele falou: “mas e isso, isso, isso, isso?” Eu falei: “fechou”. Mas assim, no início da Black Josie, eu tocava em tudo quanto é lugar. E eu fazia as minhas festas e ganhava uma grana. Aí eu comecei a ficar com preguiça. Eu falei: “eu não quero ser produtora, eu sou artista”. Eu já era produtora da Camerata. Eu quero estudar para tocar. Aí eu já peguei e parei de fazer festa minha, e comecei a estudar, estudar, estudar e tocar. E o mercado vai abrindo. Tem mercado em Belo Horizonte.

Então, por exemplo, alguns lugares onde eu tô... Um lugar que eu furei a bolha é o Major Locke. Não tem DJ Preto no Major Locke. Mulher, gorda... Na época, tem uns 5 anos, eu devia ter uns 45. Furando bolha e tal. Impondo cachê sempre. Mas tem um limite, boate, bar, tem um limite. Mas aí, agora, eu resolvi estabelecer um mínimo. Por isso eu acho que é importante falar dessa coisa do privilégio. Porque até para fazer uma gestão de carreira, um artista tem que ter estrutura, se não, ele não consegue. Você tem que falar muito não de 250 para que venha só o dobro em convites. E não é para tocar a noite toda. Porque você tem que ir construindo. E se você não tiver uma estrutura, você não constrói. Então eu dei muito não para muita gente poderosa... Poderosa assim, muita gente poderosa de cachê de bar... Poderosa assim, que faz a agenda... Quem tem a caneta da agenda na mão. Mas essas pessoas não estão me fazendo falta. E agora que eu abri a agenda, a qualidade dos convites aumentou.

Frederico: Ô Josie, a conversa tá ótima! Mas infelizmente eu vou ter que desligar.

Luciana: Você conseguiu todas as informações que você precisava?

Frederico: Consegui, e muitas outras que eu não precisava! Que foi ótimo! (risos) Que foram mais ricas do que as que eu consegui que eu precisava!

Luciana: Massa. Eu adoro. Eu sou uma admiradora da Universidade, embora a minha história com educação formal não seja, assim, das melhores e tal! (risos)

Frederico: Mas assim...

Luciana: Mas eu acho que é na pesquisa que a gente tem dados, né? Levantamento de dados, isso fica registrado, a memória é super importante... Maravilha!

Frederico: Exatamente.

Luciana: Se precisar, pode me acionar!

Frederico: Beleza! Tô querendo conversar com você [também] outro dia, assim, noutra oportunidade, sobre o Arena. Eu já trabalhei no Arena, mas eu trabalhei na área de vídeo. Eu entrei lá na área de artes visuais e dava aula de vídeo fotografia lá e tal.

Luciana: Eu tenho uma paixão pelo Arena. Uma das minhas missões para o momento é conseguir não deixar o Arena. Porque além dessa... Pra você ganhar bem, tem que ter uma carga horária maior e tal... Mas o que pega é que eu não posso participar nem como convidada... Então, por exemplo, se você tem um projeto na Lei Municipal [de Incentivo à Cultura], e se você vai me pagar cachê, eu não posso...

Frederico: Nossa, é um entrave!

Luciana: Então assim, a gente vai levando. Na pandemia salvou, porque aí nada de projeto... E a Aldir Blanc não teve essa restrição. Teve, mas aí a galera gritou e tiraram. Então, nos últimos dois anos rolou. E eu entrei no Arena vai fazer três anos agora. Ou seja, eu entrei e começou a pandemia.

Frederico: Nossa! Também que loucura, né?

Luciana: É. Então eu ainda não sei como é que vai ser conciliar a agenda com o Arena, vejamos. Depois eu te conto!

Frederico: Obrigado demais então! Por trazer essa conversa, adorei! Obrigado pela abertura e disponibilidade. muito bom,

Luciana: A gente se fala. Depois, vamos arrumar uma “breja” aí.

Frederico: Ah, eu topo demais! (risos)

Luciana: De repente, quando for tomar uma, me chama, pra gente prosear! Legal!

Frederico: Então ótimo, combinado, formô!

Luciana: Então beleza, beijão procê!

Você ouviu o Para Além das Lives, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para mais informações, acesse @paraalemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net. Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA